



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9423 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT24 - Educação e Arte

FORMAÇÃO DE PROFESSORES, EDUCAÇÃO LIBERTADORA E A LINGUAGEM AUDIOVISUAL: APONTAMENTOS PARA A RESISTÊNCIA NA ARTE-EDUCAÇÃO

Alice Akemi Yamasaki - UFF - Universidade Federal Fluminense

Resumo: Diante da necropolítica que estamos testemunhando nos últimos cinco anos, especialmente com a imposição das políticas neoliberais e de um desumano teto de gastos às áreas sociais, consideramos fundamental questionarmo-nos sobre as alternativas educativas à formação de professores. As experiências e as investigações em educação indicam que a educação libertadora, cunhada originalmente por Paulo Freire, articulada com os conhecimentos da linguagem audiovisual apresentam apontamentos para a resistência crítica e criativa na Arte-Educação. A potência da educação libertadora reside na denúncia das violações aos direitos pelas vozes oprimidas e no desenvolvimento de um diálogo coletivo, crítico, criativo e reflexivo, na medida que permita a ruptura e a insurgência na formação de novos professores, que resistam e lutem pela dignidade humana.

Palavras-chave: Formação de professores; Educação libertadora; Linguagem audiovisual e Arte-Educação.

Vivemos tempos sombrios, com a adoção de um conjunto de medidas institucionais que corroem as conquistas sociais garantidas pela Constituição de 1988, um período violento de implantação autoritária de políticas neoliberais, que agravam a condição de vida da população brasileira, tendo em vista um conjunto de retirada de direitos sociais. A problemática que queremos explorar coloca-se quanto à necessidade de desenvolvermos práticas educativas, no campo da formação de professores, que permitam desconstruir alguns aspectos presentes no retrocesso atual das políticas educacionais. Nosso questionamento refere-se ao que-fazer docente, buscando indicar práticas no campo da Arte-Educação que se coloquem crítica e criativamente diante do cenário adverso, alimentando um enfrentamento e um engajamento dos educadores, que recuperem e revitalizem a potência das lutas democráticas e coletivas por direitos sociais, tal qual já conhecemos em décadas anteriores. Entre as alternativas para a resistência ativa e criativa, torna-se primordial que a formação de professores desenvolva práticas que permitam promover uma leitura crítica e criativa de mundo, colaborando para a ruptura e a insurgência popular, aliando educadores e educandos, inclusive no campo da Arte-Educação, no diálogo entre a pedagogia libertadora, de Paulo Freire, e o Cinema. As reflexões tem revelado fértil caminho de luta e resistência na formação de educadores, pois estes mostram-se cada vez mais engajados no processo de denúncia do conservadorismo e na disposição de se permitir um trabalho coletivo e dialógico de anúncio da defesa dos direitos humanos e da dignidade humana, que respeita a diversidade cultural.

Entre episódios que forjaram a minha formação social estão a participação e presença entre os movimentos de professores das escolas públicas em que estudei, nos anos 1980, sintonizados

com as lutas pelo fim da Ditadura e pela redemocratização do Brasil. Marcante em minha formação como docente foi o testemunho vivo dos meus professores da universidade com suas lutas em plena Assembleia Nacional Constituinte, com os vários relatos de pressão dos movimentos sociais, até a promulgação da Constituição Federal de 1988. Foram momentos importantes, como afirma Paulo Freire (1999), que mostraram que *“não é na resignação, mas na rebeldia, em face das injustiças, que nos afirmaremos.”* Quando comecei a exercer a docência, primeiro na escola de Educação Básica paulistana e em seguida na Educação Superior privada, nossos debates tematizaram o desafio de reconhecer a Educação como Direito Social e de um processo permanente de formação para o exercício da cidadania. Todos esses eventos exerceram um impulso na caminhada profissional em direção ao desafio de superar as limitações cotidianas, em busca de um Ser Mais que aprimorasse, pacientemente, a prática da reflexão-ação-reflexão. Após o acúmulo alcançado nas andanças por diferentes territórios e veredas pelo país, temos instigado e desafiado jovens e futuros educadores a assimilar as contribuições teóricas e a elaborar projetos e vivências que reinventam os conceitos e metodologias desenvolvidas por Paulo Freire. Nos últimos cinco anos, temos nos dedicado a aprofundar as possibilidades de um ensino problematizador, contribuindo para práticas educativas que visem o reconhecimento da dignidade humana e da inclusão de estudantes, com a oferta de oficinas interativas.

À semelhança de nosso processo de amadurecimento acadêmico, promovemos atividades práticas, como oficinas, que buscam dialogar com as experiências acumuladas pelas pessoas: por um lado, ao inaugurar a prática educativa dialógica, a escuta atenta do formador revela relatos que contribuem para conhecermos a leitura de mundo instalada nas histórias de vida; por outro lado, para os educadores e futuros professores participantes, os relatos das vivências fazem cada educador em formação recuperar as próprias reflexões e questões envolvidas na atividade em aula. Com isso, promovemos círculos de cultura, em diferentes espaços educativos, escolares ou não-escolares, que reconheçam os participantes como sujeitos ativos, críticos e reflexivos, da aprendizagem e da troca de experiências vividas. O processo formativo é tenso, marcado por conflitos internos e coletivos, pois provoca fissuras e rupturas com as práticas bancárias de educação e de ensino, estas últimas tratando o estudante como sujeito passivo e acrítico no desenvolvimento temático das situações de aula. A conversa reflexiva sobre a percepção, de si mesmo e do outro, no e com o mundo, percorre o círculo de cultura e permite a vivência de um dos conceitos fundamentais para conhecer e reinventar Paulo Freire: a prática educativa dialógica. Tivemos ricas oportunidades de vivenciar o diálogo fundante entre educadores que iniciavam as práticas libertadoras de educação, com comunidades tradicionais e grupos sociais, promovendo uma Educação Popular sobre Paulo Freire. Em alguns casos, a prática dialógica permitiu estabelecer os currículos de formação com os grupos populares, que assumiram protagonismo e voz no processo do seu aprender. Para indicar alguns pressupostos teórico-metodológicos, passamos a destacar algumas práticas de pesquisa-ação na formação de professores e suas lições para a resistência, buscando indicar algumas possibilidades de se reinventar Freire.

Um dos primeiros trabalhos que adotou a concepção teórico-metodológica freiriana, em nossa trajetória profissional, deu-se na formação de educadores-educandos de assentamentos da Reforma Agrária do Bico de Papagaio, na região do extremo norte do estado do Tocantins. Essa vivência trouxe a discussão sobre a “leitura de mundo sobre a lama” e permitiu uma rica e impressionante denúncia sobre aspectos da vida real nos assentamentos, com detalhes desconhecidos da comunidade universitária, e daí, a introdução da “leitura da palavra”, com os processos de alfabetização e de letramento na língua e na matemática, com as várias dimensões de estudos históricos sobre os assentamentos, tornou muito mais significativo o aprendizado entre todos, reinventando a ideia de que “ninguém educa ninguém, tampouco ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”, como encontramos em *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire (1987). Outro

momento rico da reinvenção de Paulo Freire foi o trabalho com alfabetização de crianças caiçaras, no município de Paraty-RJ, junto à comunidade Martim de Sá. Nesta experiência, tornou-se primordial exercitar a valorização da cultura tradicional caiçara, adotando diversos materiais e recursos didáticos que buscaram valorizar os saberes dos educandos e dos familiares. Se, por um lado, a comunidade caiçara não era letrada, por outro, eles cultivavam diversas práticas importantes e conhecidas entre eles para viverem na costa brasileira. Entre outros conhecimentos, destacamos a construção de canoas, o manejo da mesma em mar aberto, bem como o domínio de técnicas de pesca artesanal, como o uso da isca de zangareio para lula e de cerco para pesca de peixes e outros tipos de espécies marinhas. O planejamento e a execução das oficinas interativas nas áreas de Ciências da Natureza tem sido outra vertente de trabalho freiriano, que tem sido fundamentada na perspectiva da educação problematizadora, com um andamento pedagógico que contribui e enriquece a transição de uma curiosidade ingênua para a epistemológica, inclusive nestes tempos de pandemia e ensino remoto.

Para encaminhar alguns resultados de pesquisa, queremos ressaltar algumas reflexões entre e Estética Audiovisual, o Cinema e a Educação Libertadora, apresentando contribuições à pesquisa em Arte-Educação. Apoiando-nos em pressupostos freirianos para fomentar e aprofundar o diálogo e as práticas educativas, temos colaborado ativamente com a afirmação do curso em Cinema. A formação que temos promovido dos educadores audiovisuais tem sido norteada por aspectos muito convergentes ao pensamento de Paulo Freire, o que permite afirmar que é possível a interação da pedagogia libertadora aos estudos da linguagem cinematográfica. Ao assumir o Cinema como Arte e como Política, o curso de cinema indica dimensões também presentes em uma educação libertadora: ao criar e produzir cinema e audiovisual, junto a escolas e outros espaços educativos não-formais, os educadores em formação promovem práticas que ampliam as possibilidades de expressão, de denúncia da realidade e de transformação do mundo. Nesse sentido, a interação da linguagem (audiovisual) com o pensamento freiriano revela uma complementaridade na prática educativa audiovisual. É um encontro com uma potência para se revelar olhares sobre a realidade, com narrativas que provocam rupturas ao estabelecido, ao lugar comum e massificado, com a expressão audiovisual de perspectivas diversificadas, com presença de muitas vozes oprimidas e silenciadas. É possibilidade de ruptura com a ordem que a elite brasileira busca impor, com as políticas necrófilas que exterminam a juventude negra, que oprimem as mulheres em sua dignidade e que empurram grupos sociais cada vez maiores à fome, ao desemprego e à situação de vulnerabilidade, com um Estado cada vez mais omissos e ausente.

Para dialogar com os saberes dos educandos, foram apresentadas fotografias e vídeos, que ilustravam os conceitos necessários da linguagem audiovisual, permitindo-se a participação dos presentes com suas vivências em torno de uma Educação do Olhar. Como segunda parte, propusemos exercício audiovisual, que buscou romper com o olhar exclusivamente mercadológico e passivo do cinema. Os exercícios de linguagem audiovisual foram sendo problematizados e dialogados com os educadores, que enriqueceram a formação com leituras sobre a imagem e o som em suas vivências. A criação e vivência de uma situação-limite, na qual não tínhamos acúmulo anterior, com um processo de elaboração coletiva de um momento inédito-viável entre nossas vidas acadêmicas potencializou a aventura criativa dos envolvidos. As situações-limite que vivíamos, antes de nos lançarmos aos projetos da oficina, era a de existências mergulhadas em cada uma de nossas áreas, separadamente, em Educação e Pedagogia e em Cinema, na educação formal e não-formal. O encontro e a relação de comunhão entre educador-educando, disponibilizando-se à aventura de viver a experiência de ler o mundo, freirianamente, com recursos e conhecimentos da linguagem audiovisual, desafiou-nos a ir além de quem éramos, até então. Nesse sentido, concordamos com Freire (1999) que “(...) a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma

farsa.” Daí, outro grande aprendizado foi o aprofundamento de todos nos campos da estética, da educação libertadora e da ética, trazendo aspectos inusitados para refletirmos sobre os valores humanos e a boniteza da vida e sobre a inseparabilidade decência e estética.

Alguns aspectos da aprendizagem alcançada durante a caminhada coletiva ressaltam que a linguagem audiovisual potencializa e enriquece a prática educativa dialógica. Os círculos de cultura freirianos com educadores audiovisuais enriquecem a formação artística, criativa e estética de educadores e educandos, com dimensões inéditas da prática pedagógica. A utilização de fotografias e filmes e a criação audiovisual, podem potencializar as diferentes práticas de formação de professores. O conhecimento sobre a linguagem audiovisual contribui com processos educativos emancipatórios na medida em que rompe com a condição passiva daquele que exclusivamente “consome” a produção cinematográfica. A apreensão desses saberes, torna-se possível disponibilizar às comunidades e aos grupos sociais marginalizados pela sociedade de classes, a possibilidade de narrar as suas próprias histórias, assumindo a voz na denúncia das mazelas e no anúncio das alternativas do bem-viver, dentro de um outro mundo possível.

As palavras (ideias-força) fundamentais para o trabalho na docência, entre outras, são: compromisso com a vida e contra práticas necrófilas e necropolíticas; ética e boniteza são inseparáveis; prática dialógica, círculos de cultura e respeito aos saberes dos educandos na escola e em espaços educativos e estímulo a projetos críticos e criativos de ensino que se propõem a enfrentar a violação de Direitos Humanos. Finalizamos com mais um pouco dos saberes necessários que Paulo Freire (1999) nos brinda: *“Se trabalho com crianças, devo estar atento à responsabilidade de minha presença que tanto pode ser auxiliadora como pode virar perturbadora da busca inquieta dos educandos; se trabalho com jovens ou adultos, não menos atento devo estar com relação a que o meu trabalho possa significar como estímulo ou não à ruptura necessária com algo defeituosamente assentado e à espera de superação.”*

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.